

2 No curso da grande conversação que estamos acostumados a chamar de "história
3 da humanidade", foram formuladas umas poucas frases tão profundas, que o seu
4 significado parece ser inesgotável e revela sempre novos aspectos. Porquê
5 são profundas essas frases? Porque se voltam para aquelas raras palavras
6 que dão início à grande conversação, para aquelas palavras primordiais (Ur-
7 worte), para as quais a grande conversação não é senão uma tentativa de res-
8 posta. Essas palavras originais, tais como "Tu és isto" ou "Conheça-te a ti
9 mesmo" ou "Deus é um", provocaram, em resposta, a história da humanidade, e
0 o tesouro acumulado das obras e instrumentos das civilizações não passa de
1 um dicionário de palavras petrificadas, cunhadas em resposta à provocação
2 primordial. Há, entre essas respostas, algumas de significado especial, como
3 a frase ouvida por Moisés: "Eu sou quem sou", ou a frase pronunciada por Je-
4 sus: "Eu sou a vida". E há entre elas respostas mais subalternas, mais su-
5 manas portanto e mais acessíveis. Uma delas, parece-me, é a frase sobre-
6 ferencia, e que me proponho a submeter à apreciação do leitor.

7 Como primeira tentativa de tradução sugiro a seguinte: "Há um modo nas coisas,
8 há limites certos e definitivos". À primeira vista portanto trata-se de uma
9 exclamação impaciente contra exageros intoleráveis. É com este significado
0 superficial que a frase talvez foi entendida originalmente, e está sendo em-
1 pregada por aqueles que ainda participam da tradição clássica. Por baixo dessa
2 superfície, e quase à tona da consciência atenta, esconde-se o sistema de refe-
3 rencia da ética clássica, com sua moderação, sua equanimidade, sua prudência,
4 sua procura do "meio" aristotélico, em breve, com seu conceito de justiça (anake)

5 A tradução apropriada a este significado talvez seja a seguinte: "É preciso pro-
6 curar o centro nas coisas, não é lícito ultrapassar certas fronteiras".

7 Se bem que este significado esteja longe de ter sido inteiramente esclarecido, (e
8 muito menos aproveitado), não é sobre ele que quero dirigir a atenção. Para nós
9 os modernos não é este aspecto ético que é o mais significativo. A nossa escala
0 de valores dista demasiadamente da escala clássica e absorveu demasiadamente va-
1 lores judeus, para podermos identificar-nos com ela. É o significado ontológico
2 são as "res" e os "fines" como formas e horizontes do Ser que nos tocam de perto

1 Aqui as dificuldades da tradução aparecem claramente. A palavra "res" carece de
2 arona material que a palavra "coisa" evoca. Tomemos como exemplo expressões co-
3 mo "res publica" ou como "res gestae". (aproximadamente "sociedade organizada"
4 e "conjunto dos atos"). "Res" é portanto o elemento que compõe o conjunto da
5 "realidade" em seu sentido mais lato e rico, com todo o seu sabor ético e estê-
6 tico, não apenas o esquema seco e matematicamente expurgado da "realidade" que a
7 ciência moderna nos oferece. A palavra "finis", por sua vez, não significa só-
8 mente "limite" e "fronteira", mas também "finalidade" e "direção", significa, por
9 tanto, um horizonte em expansão para o qual as "coisas" tendem. A frase sob análi-
0 se prevê, de certa maneira, a cosmologia moderna de um mundo em expansão, mas
1 de um mundo infinitamente mais rico em significado, e poderia, deste ângulo, ser
2 traduzida como segue: "Há uma tendência dentro das coisas, há direções definiti-
3 vamente pre-estabelecidas".
4 É claro que este significado não deve ser interpretado mecanicamente, pois isto
5 seria falsificar os conceitos da Antiguidade. A interpretação que se oferece é
6 biológica, é botânica, para sermos mais exatos. As coisas são seres que tendem
7 para se realizar em arvores, as arvores são seres "fines". A realidade, toma-
8 da em seu conjunto, é muito mais uma planta que se abre e se desenvolve de que
9 uma bomba atômica que explode. No entanto, trata-se, talvez, de uma diferença
0 mais estética de que epistemológica. Já que a vida pode ser encarada como ex-
1 plosão, e a explosão como evolução acelerada. Porém uma diferença essencial
2 persiste. A explosão mecânica carece de significado, senão for interpretada
3 como destruidora. A evolução biológica tem um sentido, a saber a realização
4 de tendências inerentes e, talvez, anteriormente planejadas. Trata-se da exe-
5 cução de um plano, talvez preconcebido, talvez, no entanto, em formação duran-
6 te o processo de execução, pelo método de "trial and error", como ensina Dar-
7 win. A frase sob estudo insiste, entretanto, no plano preconcebido: "Sunt
8 certi denique fines". Concebe, portanto, a realidade, como um processo que
9 tende para uma realização de possibilidades delineadas de antemão, e assim
0 a palavra "finis" readquire o significado "limite". No curso deste proces-
1 so as coisas se tornam progressivamente mais "reais", elas se realizam.
2 Este Deste ângulo a frase sob análise poderia ser traduzida como segue:

1 "Há uma tendencia preconcebida dentre das coisas, há um limite de realização que
2 não pode ser excedido."

3 É evidente que este significado encerra todo um conceito de mundo, toda uma "Welt-
4 anschauung" escatologica, com todas as consequencias éticas, metafísicas e teolo-
5 gicas inevitáveis. Presupõe um mundo criado por um agente inteligente, criado
6 com uma finalidade definida, portanto presupõe o Bem e o Mal, a virtude e o pecc-
7 do; presupõe um fim do mundo e, consequentemente, o Juizo final. Isto é tanto
8 mais interessante, quanto tomamos em consideração que a frase sob analise foi
9 pronunciada dentro de uma civilização de todo alheia a esses conceitos.

0 A analise empreendida está muito longe de ter esgotado o significado da frase. N
1 entanto revelou, ao meu ver, facetas surpreendentes. Revelou uma cosmologia e es-
2 mogonia profetica ou quase-profetica que faz lembrar a cosmologia moderna. Reve-
3 lou uma teoria de evolução (por certo subconsciente) que pode ser considerada com
4 reação ao darwinismo. E revelou uma Weltanschauung que era de tudo estranha ao
5 quem pronunciou a frase. Estas descobertas surpreendentes, (para usar uma expres-
6 são fraca), podem ser interpretadas de duas maneiras: (a) Quem pronunciou estas
7 palavras não era o seu verdadeiro autor, ele servia somente como "boca dos de-
8 uses" (como diriam os Antigos). E (b) as interpretações são resultado de precon-
9 ceitos existentes já mente do analisador, e foram subrepticamente e clandestini-
0 namente introduzidas para dentro da frase, aonde não cabiam. Como a alternati-
1 va (b) é a mais cômoda e menos enervante, quero investiga-la em primeiro lugar.
2. De que maneira, portanto, consegui introduzir os meus preconceitos, (inconscien-
3 temente) para dentro da frase que analisei? De que maneira violentei o signifi-
4 cado da frase? Conscientemente não alterei nada, muito pelo contrário me esfor-
5 sei por submeter-me passivamente a cada palavra que compõe a frase. Mas no pro-
6 cesso dessa submissão, isto é no processo durante o qual a minha mente se apro-
7 ximou da frase para fundir-se com ela, em outras palavras no processo do conhe-
8 cimento, a frase em vias de ser conhecida se enquadrou no fonjunte da minha men-
9 te, aonde já existiam os esquemas da cosmologia moderna, do darwinismo e da es-
0 catologia judeo-cristã, e assim ela adquiriu, para mim, os seus significados sur-
1 prendentes. Ao conhecer a frase sob estudo eu entrei em conversação com ela e
2 ela se modificou em consequencia, adquirindo novos significados. Neste sentido

4

1 efetivamente violentei a frase. Mas este sentido é pouco satisfatório para quem
2 quer evitar a ~~segunda~~ primeira alternativa, aquela que designei por (a), porque um
3 defensor dessa alternativa poderia declarar que a frase foi inicialmente inspi-
4 rada no pseudo-autor justamente para entrar em conversação consigo e adquirir os
5 novos significados, e, quem sabe, entrar num futuro imprevisível em conversação
6 com outras mentes, e adquirir significados mais novos ainda. Esse defensor ima-
7 ginário talvez diria que justamente em acontecimentos como este reside o mistério
8 da grande conversação, que ela se mantém viva justamente por ser sempre insufla-
9 da.

0 Esquive-me a tomar partido nessa contenda imaginária entre o bom senso no senti-
1 do burguez da palavra e a exaltação estético-religiosa. Contento-me com o senti-
2 mento de surpresa e admiração que a análise da frase provocou em mim e, espero,
3 de certa forma, também no leitor. A admiração e a surpresa são, afinal das contas
4 a recompensa de toda pesquisa. E creio que, no fundo, deve haver uma solução
5 intermediária para o problema, que é, basicamente, o problema da realidade e da
6 língua. Já que "Est modus in rebus, sunt certi denique fines".